

CINEMA E EDUCAÇÃO: A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA COMO ARTE NA ESCOLA

*CINEMA AND EDUCATION: CINEMATOGRAPHIC LANGUAGE AS ART IN
SCHOOL*

JULYA GONÇALVES DA SILVA¹
ANALIGIA MIRANDA DA SILVA²

Recebido em: 19/03/2022

Aprovado em: 24/06/2022

RESUMO

Este artigo problematiza a escola como espaço propiciador da aproximação entre a criança e o cinema sob um viés artístico e cultural. A pesquisa teve como objetivo geral identificar e analisar de que forma o cinema, como arte, está presente na escola pelo olhar de alunos dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola pública do interior do Paraná. A pesquisa assumirá abordagem qualitativa com delineamento descritivo-explicativo. Participaram da pesquisa seis alunos do quinto ano do ensino fundamental de uma escola pública. Neste artigo, tratamos dos dados obtidos na primeira fase do estudo, que compreende as concepções dos alunos sobre a arte e suas relações com o cinema. Os dados coletados apontam que as crianças participantes não tinham qualquer contato com um cinema não comercial, reafirmando a urgência de a escola realizar uma ponte entre o cinema comercial e o cinema de difícil acesso e promover, assim, novas experiências culturais e estéticas aos alunos.

Palavras-chave: Cinema; Arte; Escola.

ABSTRACT

This article problematizes the school as a space that fosters the approximation between the child and the cinema from an artistic and cultural perspective. The research had as its general objective to identify and analyze how cinema, as Art, is present in the school through the eyes of students in the early years of elementary school in a public school in the interior of Paraná. The research will take a qualitative approach with a descriptive-explanatory design. Six students from the fifth year of elementary school in a public school participated in the research. In this article, we deal with the data obtained in the first phase of the study, which comprises students' conceptions about art and its relations with cinema. The data collected show that the participating children had no contact with a non-commercial cinema, reaffirming the urgency for the school to bridge the gap between commercial cinema and cinema that is difficult to access and thus promote new cultural and aesthetic experiences for students.

Keywords: Movie; Art; School.

¹ Mestranda em Arte na Universidade Estadual do Paraná. Professora na Escola Sesi de Ourinhos/CE-144. E-mail: julyagoncalves8@gmail.com

² Mestre e Doutora em Educação pela UNESP. Professora Adjunta na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/CPAN. Membro do GEPE (Grupo de Pesquisa e Estudos em Educação). E-mail: analigia.miranda@ufms.br

Introdução

Uma das principais características da sétima arte é o ato de contar histórias em movimento, proporcionando ao telespectador experiências múltiplas. O cinema, por meio do movimento e do ritmo da imagem, nos oferece a beleza e a verdade do instantâneo, assim como a fotografia, porém, numa revelação muito mais profunda e realista (XAVIER, 2017).

No âmbito educacional, o cinema é, na maioria das vezes, utilizado como objeto de ensino nas escolas, com o intuito de complementar um determinado conteúdo e promover, apenas, entretenimento às crianças. Essa visão utilitarista do cinema nas escolas pode impedir o aluno de uma aproximação com a linguagem cinematográfica como experiência artística e de significação. Sobre essa questão, Abud (2003, p.189) afirma que “[...] o filme é mais utilizado como um substituto do texto didático ou da aula expositiva, ou é ainda considerado uma ilustração que dá credibilidade ao tema que se está estudando”.

Fresquet (2013) e Bergala (2008) são autores que discutem sobre a importância de apresentar o cinema na escola sob uma perspectiva artística e estudá-lo por meio de suas especificidades e características próprias. Ambos afirmam a necessidade de disponibilizar tempo e espaço para que o cinema seja discutido e compreendido como arte e não sob um viés utilitarista que pensa o filme como ferramenta de análise e crítica ou como um simples recurso de entretenimento e passatempo para as crianças, mas sim, pensar o cinema como um ato criativo.

Bergala (2008, p.33) nos diz que “talvez fosse preciso começar a pensar o filme não como objeto, mas como marca final de um processo criativo, e o cinema como arte”. A partir disso, a linguagem cinematográfica deve ser trabalhada nas escolas a fim de levar a compreensão do seu processo criativo. Se trabalhado dessa forma, o cinema como arte abre lugares para uma pedagogia criativa, que possibilita a imaginação, a invenção e a reinvenção dos alunos. Fresquet (2013, p.19) afirma que:

Quando a educação – tão velha quanto à humanidade mesma, ressecada e cheia de fendas – se encontra com as artes e se deixa alagar por elas, especialmente pela poética do cinema – jovem de pouco mais de 100 anos – renova sua fertilidade, impregnando-se de imagens e sons.

Diante de tais questões, levantamos a seguinte problemática de pesquisa: de que forma podemos introduzir o cinema nas escolas com a finalidade de apresentá-lo como obra de arte? Para responder a tal questão,

essa pesquisa teve como objetivo geral: identificar e analisar de que forma o cinema, como Arte, está presente na escola pelo olhar de alunos dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola pública do interior do Paraná. Os objetivos específicos da pesquisa são: identificar e analisar as concepções dos alunos sobre a arte e suas relações com o cinema; executar uma proposta de intervenção na escola, partindo de uma perspectiva do cinema como arte, tendo como base teórica os estudos de Fresquet (2013) e Bergala (2008) e, por fim, identificar e analisar as suas concepções sobre o cinema após a proposta de intervenção. Neste artigo, tratamos dos dados obtidos na primeira fase do estudo, que compreende as concepções dos alunos sobre a arte e suas relações com o cinema.

Acredita-se na relevância dessa temática ao se considerar que, certamente, a escola tem papel fundamental na construção da relação entre a criança e a cultura. É preciso propiciar novas experiências de significação e transformar algumas simples práticas culturais em momentos de produção de significações, instigando a criança a produzir, ser criativa e crítica.

A experiência do cinema como arte na escola

A arte tem poder de transformação. Ela modifica o ser e propicia a ele novas experiências, novas formas de olhar para o mundo, de se inventar e se reinventar; novas formas de aprender e desaprender, novos conhecimentos e aprendizagens. Experimentar a arte significa encontrar um mundo de novas sensações, experiências e significados. Não se pode ensinar a arte, mas sim transmiti-la (COLI, 1995). Dessa forma, não cabe uma definição única do que é arte, há inúmeras possibilidades de defini-la, mas, se analisarmos de modo mais amplo, a arte está ligada ao propósito de fazer, de criar e de sentir.

A partir disso, pode-se perceber como a arte desempenha um papel único e transformador na vida de quem a experimenta e a encontra. A arte é capaz de despertar a nossa sensibilidade, emoção, invenção, criação e percepção sobre nós mesmos e sobre o mundo que nos cerca. A função da arte em nossas vidas é de ensinar, de propiciar novas vivências e momentos de significação, de estimular a nossa criticidade e criatividade, de quebrar a fronteira entre o real e o imaginário. É nesse processo de novas descobertas que a arte transforma o ser, o faz interrogar aquilo que antes era tido como verdade absoluta, despertando o desejo de criar e criticar. Sobre a função da arte, Coli (1995, p.109) enfatiza que:

A arte tem assim uma função que poderíamos chamar de conhecimento, de "aprendizagem". Seu domínio é o do não-

racional, do indizível, da sensibilidade: domínio sem fronteiras nítidas, muito diferente do mundo da ciência, da lógica, da teoria. Domínio fecundo, pois nosso contacto com a arte nos transforma. Porque o objeto artístico traz em si, habilmente organizados, os meios de despertar em nós, em nossas emoções e razão, reações culturalmente ricas, que aguçam os instrumentos dos quais nos servimos para apreender o mundo que nos rodeia.

O cinema pode ser considerado uma arte total, pois, na linguagem cinematográfica, podemos encontrar outras linguagens artísticas, como a música, a dança, a arte das cores, da fotografia e do desenho. Aumont (2004, p.144) afirma que “o cinema é uma arte total que contém todas as outras, que as excede e transforma”, ou seja, o cinema consegue absorver todas as artes em uma única. Mocellin (2002, p.8) enfatiza que “[...] a arte cinematográfica é o produto das seis demais artes, para a qual propendiam todas as outras artes”.

Dentro do âmbito educacional, o cinema ainda não é tão valorizado como arte e linguagem e, na maioria das vezes, é apresentado apenas com o intuito de promover entretenimento às crianças. Atualmente, vários autores discutem a importância da introdução dessa arte nas escolas. Fresquet (2013, p.19) afirma que os vínculos entre o cinema e a educação estão crescendo cada vez mais e que isso se refere a um “gesto de criação” que desenvolve “novas relações entre as coisas, pessoas, lugares e épocas”. Bergala (2008) defende o uso do cinema na escola visto como alteridade³. O autor alega que “talvez fosse preciso começar a pensar o filme não como objeto, mas como marca final de um processo criativo, e o cinema como arte” (BERGALA, 2008). Duarte (2002) nos diz que é fundamental conhecer a “pedagogia do cinema” visando à importância que os filmes têm na formação do indivíduo. Sobre a prática de ver filmes, a autora afirma que “ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais” (DUARTE, 2002, p.144). Fantin (2006, p.140) promove a discussão das mídias e do cinema na escola, e enfatiza que “o cinema, no contexto da mídia-educação, pode ser entendido a partir de diversas dimensões – estéticas, cognitivas, sociais e psicológicas”. A autora defende o estudo das mídias na escola por meio do cinema, mas sem pensar o filme como um objeto, e sim, como obra de arte.

³ A alteridade tem como significado colocar-se no lugar do outro, de perceber o outro. Para Bergala (2008), o cinema propicia uma experiência direta com a alteridade, pois ao ver um filme, o telespectador é capaz de colocar-se no lugar do personagem, de testemunhar seu sofrimento ou alegria, de identificar-se com ele.

Apesar do crescente estudo nessa área, o cinema é, na maioria das vezes, apresentado nas escolas como “recurso pedagógico para ilustrar determinado conteúdo, para preencher o vazio deixado pela ausência de algum professor ou para substituir alguma atividade ao ar livre quando chove” (FANTIN, 2006, p.163).

É comum que a escola reduza os filmes a uma leitura analítica ou apresente os filmes como um simples recurso para complementar um tema específico que foi trabalhado com os alunos em história, geografia ou qualquer outra matéria (FRESQUET, 2013). O cinema tem mais a oferecer e outras possibilidades que vão muito além. Fresquet (2013, p.19) assevera que:

O cinema nos oferece uma janela pela qual podemos nos assomar ao mundo para ver o que está lá fora, distante do espaço ou no tempo, para ver o que não conseguimos ver com nossos próprios olhos de modo direto.

Bergala (2008, p.46) afirma que “o que a escola pode fazer de melhor, hoje, é falar dos filmes em primeiro lugar como obras de arte e de cultura”. Ou seja, a escola deve dar espaço para que o cinema seja abordado de forma artística, dando espaço para o cinema visto como um processo de criação, como arte e como cultura. Ramos e Teixeira (2010, p.14) alegam que:

O cinema deve estar inserido na escola não como um conteúdo curricular e campo de especialidade de um professor, mas de outra maneira, em outra perspectiva fugindo a racionalidade instrumental e conteúdos a serem aferidos e mensurados pelos profissionais especializados nisso ou naquilo. Trata-se, ao revés de um encontro com o cinema como expressividade, como um largo horizonte de possibilidades que permitem a experiência estética.

Nesse processo de inserção do cinema como arte na escola, o professor é elemento fundamental, pois é quem conduzirá a experiência da criança com o cinema, partindo de uma perspectiva em que o cinema é visto como alteridade. O papel do professor nesse contexto é o de mediar o processo de percepção dos elementos técnicos da obra, instigando e aguçando a observação de pequenas sutilezas e aspectos do filme apresentado (FRESQUET, 2013). Antes disso, é necessário que a escola junto ao professor propicie ao aluno um momento para a promoção do encontro entre a criança e o cinema. Para Bergala (2008, p.62):

Esse encontro depende mais de uma iniciação do que da aprendizagem, e a escola nunca poderá programá-lo ou garanti-lo. Como todo verdadeiro encontro ele pode também nunca ter lugar com a sua potência de revelação e de desestabilização pessoais.

Dessa forma, o papel da escola é criar possibilidades para que esse encontro aconteça. Apesar de não poder garantir um encontro íntimo e pessoal de cada criança com o cinema, a escola deve disponibilizar tempo e lugar para que o aluno tenha a oportunidade de experimentar o cinema, cada qual a sua maneira, pois cada um irá interpretar esse encontro de uma forma diferente (FRESQUET, 2013).

A partir disso, Bergala (2008) desenvolve quatro ações fundamentais que devem ser realizadas no contexto escolar para promoção do encontro entre o aluno e o cinema. Essas quatro ações propostas por Bergala foram sintetizadas no quadro abaixo:

Quadro 1
As quatro ações fundamentais da escola

	As quatro ordens	Definição
1	Organizar a possibilidade do encontro com filmes	“[...] isso significa concretamente utilizar todos os dispositivos e todas as estratégias possíveis para colocar as crianças, um máximo de crianças, e adolescentes, em presença dos filmes que eles terão cada vez menos chances de encontrar em espaços fora da escola”. (BERGALA, 2008, p. 63)
2	Designar, iniciar, tornar-se um passador	“[...] quando aceita o risco voluntário, por convicção, e por amor pessoal a uma arte, de se tornar “passador”, o adulto também muda de estatuto simbólico, abandonando por um momento seu papel de professor, tal como definido e delimitado pela instituição para retomar a palavra e o contato com os alunos a partir de um outro lugar dentro de si, menos protegido, aquele que envolve seus gostos pessoais e sua relação mais íntima com esta ou aquela obra”. (BERGALA, 2008, p. 64)
3	Aprender a frequentar os filmes	“[...] facilitar um acesso maleável, permanente, vivo, individualizado ao filme. E iniciar as crianças a uma leitura criativa, não apenas analítica e crítica. Essa abordagem será fragmentária, feita de idas e vindas, de frequência assídua de pedaços de filmes que foram sendo apropriados, de releitura, de trocas com outros “amadores” dessa obra, às vezes de iconoclastia”. (BERGALA, 2008, p. 65)
4	Tecer laços entre os filmes	“A escola é a instituição melhor situada, se não única, para resistir à amnésia galopante a que nos habituam os novos modos de consumo dos filmes e para abordá-los como pertencendo a uma corrente de obras da qual mesmo o filme mais recente e mais livre é um elo”. (BERGALA, 2008, p. 68)

Fonte: Bergala, Alain. (2008).

Essas quatro funções propostas pelo autor indicam para a promoção de uma mudança significativa no que tange às questões políticas, estéticas e culturais da escola, possibilitando o início de algo novo e transformador (FRESQUET, 2013).

Outro ensinamento de Bergala (2008) vai ao encontro da importância de que o professor revisite a sua própria infância durante esse processo. Para o autor, todo bom espectador de cinema recorre a sua infância enquanto assiste a um filme para afastar-se do adulto que se tornou. O autor enfatiza que o educador deve classificar o filme a partir “[...] de seus gostos, de sua cultura, de suas convicções e de suas inserções”. A partir disso, é necessário que o educador encontre a criança que ainda existe dentro dele, para que possa experimentar verdadeiramente o cinema junto à criança. Fresquet (2013, p. 52) alega que:

Professor, cineasta e artista, todos fomos crianças. Nesse sentido, no seu encontro com os alunos por meio do cinema, o docente se vê diante de uma ponte de ruptura. A ponte nasce da necessidade de buscar a criança que habita nele para que experimente o prazer do cinema.

Desse modo, o professor, ao lado do aluno, vivencia uma experiência singular, compartilhando novas ideias, sensações e descobertas, transformando um ato momentâneo de assistir a um filme, em produção de significação e aprendizagem, em que o seu principal objetivo deve ser priorizar as experiências da criança, sem buscar respostas prontas, mas sim propiciar momentos em que as sensações e opiniões das crianças sejam ouvidas e compartilhadas.

Cabe ressaltar a importância de proporcionar a experiência cinematográfica à criança antes de qualquer coisa. O trabalho com o cinema na escola deve partir da experimentação dos filmes, e não de uma explicação prévia dele. A construção de saberes é realizada a partir da experiência da criança com o filme, a partir do seu contato com a obra e de suas experiências individuais. Fresquet (2013, p.49) afirma que:

Para que efetivamente se dê essa experiência, é necessário, em primeiro lugar, o desejo de quem aprende, sua observação atenta, curiosa, interessada. É preciso também, a continuidade na exposição à arte, contaminada pela paixão de quem a conduz. Outro vetor fundamental é o silêncio, o não dito, em toda transmissão.

Em “*O abecedário de cinema*”, entrevista gravada com Bergala em 2012, o autor argumenta sobre a importância que a experiência tem durante o trabalho com o cinema na escola. Bergala (2012) enfatiza que o professor

nunca deve partir do saber, e sim diretamente da experiência de assistir a um filme, argumentando que:

Se quisermos iniciar crianças no cinema. Não se deve partir do saber. Não se deve partir da cultura. Não se deve partir da história do filme. É muito importante partir, primeiramente, da experiência direta da travessia do filme. Isto é, na experiência, existe saber. O fato de uma criança ver o filme, sobre o qual, por exemplo, ela não sabe nada. Nós não a preparamos para ver esse filme. Então, ela entra no filme, atravessa o filme, e quando ela sai desse filme, ela tem uma inteligência do filme. Ela tem a maneira pela qual ela compreendeu o filme. A maneira pela qual ela se emocionou.

A partir dessa fala, pode-se perceber que a experiência do ato de ver um filme é única para cada um, por isso a importância de dar ênfase em um momento no qual a criança poderá compartilhar seus pensamentos, experiências, sensações e ideias sobre o filme a que assistiu. Essa é uma oportunidade para que o aluno exercite a sua capacidade de pensar, refletir, criticar e expressar seus sentimentos.

Outra possibilidade de se trabalhar com o cinema no âmbito escolar é a de realizar a produção de filmes na escola. Essa é uma maneira de partir da observação e da experimentação dos filmes para o ato de criação em si. De acordo com Fantin (2006, p. 317):

A potencialidade formativa da produção de um audiovisual envolve tanto as diversas dimensões do cinema (cognitiva, psicológica, estética, social) em seus diferentes momentos (pré-produção, produção e pós-produção), como as diversas práticas educativas e culturais que configuram uma experiência teórica, prática, reflexiva e estética. Ou seja, entender a potencialidade do cinema como instituição, dispositivo e linguagem, ampliar repertórios culturais, desencadear novas sensibilidades e fazer audiovisual na escola, implica uma forma de conhecimento, de expressão e de comunicação capaz de aproximar educação, comunicação, arte e cultura através de um processo coletivo e intencional.

Fresquet (2010) aponta que o avanço da tecnologia contribui para o ato de produzir cinema na escola, a partir de uma iniciativa que visa à criação de produções simples, como, por exemplo, “curtas-metragens de animação e ficção; documentários; cinema-teatro; pequenas filmagens com celulares ou câmeras digitais de fotografia”. Segundo a autora, essa é uma forma de aproximar a educação formal da experiência cinematográfica (FRESQUET, 2010, p. 204).

A partir disso, podemos afirmar que há várias possibilidades para se trabalhar o cinema na escola partindo de uma perspectiva em que o cinema é visto e trabalhado como Arte. É possível propiciar à criança uma experiência

profunda, cheia de aprendizagem, na qual o cinema não é utilizado como um simples objeto, mas sim como arte e cultura. O professor tem um papel muito importante durante todo esse processo, pois é ele quem irá conduzir essa experiência da criança com a sétima arte.

Metodologia

Essa pesquisa tem abordagem qualitativa de delineamento descritivo-explicativo. A pesquisa qualitativa examina a fundo o significado das relações e ações dos indivíduos, algo que não pode ser percebido a partir de equações ou dados numéricos (MINAYO, 2001). Sobre a pesquisa qualitativa, Minayo (2001, p. 21) assevera que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como uma exploração, intuição e subjetivismo, examinando a fundo o significado das relações e ações dos indivíduos, algo que não pode ser percebido a partir de equações ou dados numéricos (MINAYO, 2001). Dessa forma, por meio da pesquisa qualitativa, o pesquisador é capaz de interpretar fenômenos e obter dados descritivos a partir de sua interação com o objeto analisado.

Quanto ao caráter descritivo-explicativo, Gil (2008, p. 28) afirma que, quando uma pesquisa “vai além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, pretendendo determinar a natureza dessa relação”, ela se aproxima da pesquisa explicativa, tornando-se uma pesquisa “descritivo-explicativa”.

A coleta de dados se deu a partir de uma entrevista semiestruturada. Triviños (1987, p. 146) explica a entrevista semiestruturada afirmando que:

Podemos entender por entrevista semi-estruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.

Participaram da pesquisa seis alunos do quinto ano do ensino fundamental de uma escola pública do interior do Paraná. A pesquisa foi realizada com crianças autorizadas pelos pais, a partir do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por eles, de acordo com os critérios éticos em pesquisa. Os dados reunidos foram analisados por meio da técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977).

As entrevistas foram gravadas com um aparelho celular e com o recurso de gravação de um notebook. Para identificá-las, mantendo o anonimato, foi sugerido a cada criança que escolhesse um pseudônimo, ou seja, outro nome, pelo qual gostaria que fosse chamado(a) durante a entrevista. Os pseudônimos escolhidos foram: Flash, Batman, Pantera Negra, Super Homem, Capitão América e Mulher Maravilha. As perguntas realizadas durante a entrevista foram elaboradas a partir dos objetivos do estudo, das medidas propostas por Lakatos e Marconi (2003) e de uma ideia clara sobre as variáveis que seriam necessárias para uma posterior análise de dados. Dessa forma, realizamos um quadro norteador da entrevista inicial, a partir do objetivo geral e do específico.

Quadro 2
Quadro norteador da entrevista inicial

Objetivo geral	Objetivo específico	Questões
Identificar e analisar de que forma o cinema, enquanto Arte, está presente na escola pelo olhar de alunos dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola pública do interior do Paraná.	Identificar e analisar as concepções dos alunos sobre a arte e suas relações com o cinema.	O que é Arte?
		O que é cinema?
		O que é um filme?
		Você acha que um filme é arte?
		A qual tipo de filme você costuma assistir?

Fonte: Das autoras (2019).

Os dados reunidos foram analisados por meio da técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977). A finalidade da Análise de Conteúdo “é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)” (BARDIN, 1977, p. 38).

Análise e discussão dos resultados

Os dados reunidos foram analisados por meio da técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977). Para isso, respeitamos as fases de análise

propostas pelo autor: a “pré-análise”, que compreende o que o autor chama de “leitura flutuante” do material coletado, a “exploração do material”, na qual é realizada a categorização dos dados, e por último, o “tratamento dos resultados”, em que o pesquisador deverá ir além do conteúdo evidente, e buscar os significados daquilo que está por trás da aparente realidade (BARDIN, 1977).

Inicialmente, com base nos estudos e reflexões realizados sobre o tema, fizemos uma leitura dos dados coletados em pesquisa de campo, a fim de identificar elementos, ideias e expressões trazidas pelas crianças. A partir dessa leitura e exploração do material, elencamos as seguintes categorias na primeira etapa:

1. A arte entendida como desenho e inspiração.
2. O cinema entendido como lugar.
3. O filme é interpretado como arte.
4. Filmes comerciais.

A partir das respostas coletadas, definimos a primeira categoria: A arte entendida como desenho e inspiração. As falas dos alunos entrevistados revelam que a arte, para eles, é entendida como um desenho e como uma inspiração, bem como algo que lhes faz bem e os diverte. Como exemplo, trazemos algumas falas:

Arte é tudo aquilo que nos inspira, e que faz você ficar feliz, que faz bem pra nossa vida. (Flash)

Arte é pintar. (Batman)

A arte é um desenho bonito, e também é pintar, fazer um quadro, colorir. (Super-homem)

Arte é tipo... Vários desenhos em uma galeria ou museu. (Mulher maravilha)

Pra mim, arte é algo bom e divertido. (Capitão América)

Com base nessas falas, pudemos inferir que os alunos entrevistados não possuem uma visão ampla do que é a arte, mas uma concepção que limita a arte apenas ao desenho, à pintura, a algo que está exposto em uma galeria ou museu. Isso confirma o que diz Coli (1995, p. 88) “a instalação de um objeto em museus transforma-o em arte”. Apesar de terem uma visão pouco abrangente sobre a arte, os alunos a concebem como algo que traz prazer e felicidade. Coli (1995, p. 110) afirma que a arte acima de tudo é algo que “não se explica, mas tem o poder de nos fazer sentir”.

A partir da perspectiva de Coli (1995), percebemos que a arte é algo impossível de ser explicado, pois, primeiramente, a arte é sentida, transmitida

e experimentada. Para uma visão mais abrangente e detalhista sobre a arte, seria necessário que as crianças tivessem tido, em algum momento de suas vidas, um encontro significativo com a Arte, e isso é algo que a escola pode proporcionar. Apesar disso, Bergala (2008, p. 62) assevera que, “como todo verdadeiro encontro, ele pode também nunca ter lugar com a sua potência de revelação e de desestabilizações pessoais”. No entanto, a escola pode propiciar espaço e tempo para promover o acesso à arte, permitindo que a criança possa experimentar a arte, não de maneira superficial, mas sim de forma significativa e simbólica.

Quando perguntados a respeito do cinema, notou-se que prontamente as crianças ligaram o cinema a um lugar físico. Como exemplo, expomos algumas de suas falas:

Cinema é um lugar que dá pra ver filme que ainda não está passando na Netflix. É uma tela grande e tem pipoca. (Super-homem)

É um lugar de assistir filmes. É de roteiro. E também tem uma tela grande. (Capitão América)

Cinema é um negócio de filme. (Pantera negra)

Cinema é um lugar que tem filme. É... Tem filme de comédia, desenho e vários outros. (Mulher maravilha)

Cinema é legal. É uma coisa que você pode assistir a um filme que você está esperando desde que lançou, que nem lançou, mas você estava esperando. Cinema é muito bom. (Flash)

Por meio das respostas dos alunos, gerou-se a segunda categoria desta etapa: O cinema entendido como lugar. Essa categoria indica que a concepção dos alunos entrevistados sobre o cinema também é muito limitada, e se restringe ao cinema concebido como um lugar que serve para assistir a filmes novos, que ainda não foram lançados na TV ou nas plataformas de *Streaming*⁴ (*Netflix; Telecine Play; HBO Go*, entre outros). Apesar disso, nota-se também, em suas falas, que, para além da concepção de que o cinema é um lugar, existe a percepção de que é um lugar onde acontece uma experiência artística, uma experiência diferente daquela que eles vivenciam todos os dias. E ainda que algumas dessas crianças nunca tenham ido ao cinema, elas entendem que dentro daquela sala escura, com tela grande, acontecem coisas que não acontecem em suas casas diante da tela de TV. No entanto, percebe-se, em suas falas, que em nenhum momento o cinema é descrito como uma

⁴ *Streaming* é uma tecnologia que envia informações multimídia, por meio de transferência de dados, usando computadores, principalmente a internet, onde é possível ouvir músicas ou assistir filmes em ‘tempo real’. O serviço tem o objetivo de facilitar a vida de pessoas que procuram um filme ou série para assistir, ou uma música para ouvir, pois ao invés de baixar o conteúdo pela internet, o indivíduo precisa apenas acessar a sua plataforma para assistir/ouvir o conteúdo que procura, não necessitando realizar um download.

arte ou por meio de suas características e peculiaridades próprias. É a partir disso que evidenciamos a falta do trabalho com o cinema na escola. Bergala (2008, p. 32) alega que a escola “representa, para a maioria das crianças, o único lugar onde esse encontro com a arte pode se dar. Portanto, ela deve fazê-lo, ainda que sua mentalidade e seus hábitos sofram um abalo”. A partir do momento em que o cinema é trabalhado na escola como alteridade, o aluno passa a enxergá-lo como arte. Como afirma Fresquet (2013, p.100) “propiciar uma experiência de cinema aos mais novos, na escola, pode significar um gesto irreverente de profanação e transformação dos objetos sagrados no ato de enriquecer repertórios, para além dos do mercado”.

Apesar de suas concepções sobre o cinema não envolverem a arte, quando perguntados a respeito de o filme ser ou não uma arte, os alunos afirmaram que consideram o filme como uma linguagem artística. A partir de suas respostas sobre essa questão, gerou-se uma terceira categoria: O filme interpretado como arte. Em suas falas, constatamos que os alunos entrevistados entendem o filme como uma arte, pois identificam nele características que são condizentes com as suas próprias concepções do que é uma arte. Como exemplo, expomos algumas falas:

Um filme é arte porque existem vários filmes de galeria e também porque o filme tem bastante cor. É isso. (Mulher maravilha)

Eu acho que um filme é arte sim, porque existem muitos desenhos de filme... É porque eu acho legal. (Super-homem)

Sim, o filme é uma arte, porque eu gosto de filmes. (Capitão América)

São arte os filmes que eu gosto, mas os filmes que eu não gosto não são arte. (Pantera negra)

Com base nas falas acima, pode-se inferir que existe uma relação entre o gostar e a arte. Percebemos que as crianças identificam o filme como uma arte porque eles gostam e sentem prazer no ato de assistir a um filme e, a partir disso, não conseguem desassociar a relação subjetiva que têm com o filme, como o fato de gostar ou não dele, com a própria concepção de o filme ser ou não uma arte. As falas dos alunos vão ao encontro da perspectiva de Coli (1995, p. 8) sobre o nosso sentimento em relação àquilo que definimos como arte: “a nossa atitude diante da ideia ‘arte’ é de admiração”. Aquilo que admiramos e de que gostamos ou que está exposto em um museu ou galeria é automaticamente definido por nós como arte.

E do que a criança gosta quando nos referimos a filmes? Ao que elas assistem? Quando perguntados a respeito dos filmes a que costumam assistir em suas casas, as crianças revelaram títulos de suas preferências, os quais todos conhecemos, pois são filmes comerciais, de fácil acesso. Com base nas

suas respostas, gerou-se a quarta categoria nesta etapa: Filmes comerciais. Como exemplo, trazemos as seguintes falas:

Vingadores! Também gosto de assistir Homem aranha, homem de ferro. Gostava também de assistir Pantera cor de rosa. (Pantera negra)
Eu gosto de assistir Os Pets... E, Minions. (Capitão América)
Planeta dos macacos. Eu gosto de assistir só esse filme. (Batman)
Filmes de ação, aqueles de super-herói. E desenho. (Mulher maravilha)

A partir das falas acima, pode-se inferir que os filmes que fazem parte do cotidiano desses alunos são filmes de grande produção, obras de fácil acesso, das quais vemos propagandas em todos os veículos midiáticos. Esses filmes são feitos com o principal objetivo de entreter, divertir e causar impacto diante de produções cheias de efeitos visuais e especiais. Todas essas características certamente chamam a atenção das crianças, que são subitamente expostas a essas produções. Isso faz com que as crianças cresçam assistindo sempre aos mesmos tipos de filmes, não tendo contato com outras produções cinematográficas. Por isso, como afirma Bergala (2008), é de extrema importância dispor de todos os dispositivos e estratégias para colocar o máximo de crianças e adolescentes para apreciar filmes que eles não têm e provavelmente não terão chances de encontrar fora do espaço escolar. Nesse sentido, a escola torna-se o único espaço onde o aluno pode ter acesso a diferentes tipos de filmes.

216

Considerações

Ao problematizar a apresentação do cinema na escola com uma visão utilitarista, buscamos autores que propõem a inserção do cinema na escola como arte. Dessa forma, essa pesquisa se pautou nos estudos de Bergala (2008) e de Fresquet (2013) para compreender como o cinema está presente na escola pelo olhar do aluno, e como ele vê e se relaciona com essa arte.

Nesse estudo, pudemos identificar que as crianças participantes não tinham qualquer contato com um cinema não comercial, reafirmando a importância da proposta de Bergala (2008) da urgência que a escola tem de realizar uma ponte entre o cinema comercial e o cinema de difícil acesso, promovendo novas experiências estéticas aos alunos e a ampliação do repertório cinematográfico. Além disso, os alunos demonstraram uma concepção limitada sobre a linguagem cinematográfica, mas que, apesar disso, explicitam que o cinema para eles é algo bonito, um local onde acontecem experiências distintas daquelas vivenciadas no cotidiano. Em

suma, essa pesquisa reflete a importância do trabalho com o cinema como uma dimensão puramente artística na escola, mostrando que “o verdadeiro encontro com a sétima arte é aquele que deixa marcas duradouras” (BERGALA, 2008, p.100). Assim, a escola é um campo fértil para promover de forma significativa o encontro dos alunos com o cinema como arte.

Referências

ABUD, K. M. **A construção de uma Didática da história**: algumas ideias sobre a utilização de filmes no ensino. São Paulo, v. 22, n. 1, p. 183 – 193. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v22n1/v22n1a08.pdf> > Acesso em: 28 set. 2019.

AUMONT, J. **As teorias dos cineastas**. São Paulo: Papyrus, 2004.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.

BERGALA, A. **A hipótese-cinema. Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola**. Tradução: Mônica Costa Netto, Silvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink, 2008.

COLI, J. **O que é arte**. 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DUARTE, R. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª ed. 2002. Edição Kindle.

FANTIN, M. **Crianças, Cinema e Mídia-Educação**: Olhares e experiências no Brasil e na Itália. 2006. 399 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2006.

FRESQUET, A. O cinema como arte na escola: um diálogo com a hipótese de Alain Bergala. In: LEONEL, J. M.; MENDONÇA, R. F. **Audiovisual comunitário e educação: histórias, processos e produtos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FRESQUET, A. **Cinema e educação**: reflexões e experiências com professores e estudantes da educação básica dentro e “fora” da escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

FRESQUET, A. **Abecedário do cinema com Alain Bergala**. Rio de Janeiro: LECAV, 2012. DVD. 36', cor.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARCONI, M.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOCELLIN, R. **O cinema e o ensino da História**. Coleção Revisitando a História. Curitiba, Nova Didática, 2002.

RAMOS, A. L. A.; TEIXEIRA, I. A. de C. Os professores e o cinema na companhia de Bergala. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 1-16, 10 jul. 2010. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1612/1460>>. Acesso em: 01 out. 2020.

TRIVINÕES, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo, Atlas, 1987.

XAVIER, I. **Sétima arte um culto moderno: o idealismo estético e o cinema**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.